



As contribuições do projeto *Câmara escura: Histórias e práticas fotográficas* para a constituição e reconstituição histórica da cultura fotográfica do município de Ijuí, RS, Brasil.¹

Paulo Ernesto SCORTEGAGNA ²

Gisele C. NOLL ³

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul

RESUMO

Importante cultura fotográfica foi constituída/construída socio-historicamente em Ijuí, no Noroeste do Estado do RS, Brasil. Essa cultura preservada no Museu Antropológico Diretor Pestana através da Divisão de Imagem e Som, no arquivo fotográfico guarda, o acervo de fotografias, de duas importantes coleções: A da família Beck e a Eduardo Jaunsem. Pouco conhecida e, no tocante a compreensão de sua práxis e linguagem, essa cultura fica obscurecida, pelo vago, fragmentado, superficial e a-histórico “conhecimento” que as gerações atuais tem e pela “banalizada cultura” da facilitação da fotografia digital. O artigo trata sobre a tradicional cultura fotográfica constituída em Ijuí e das contribuições que o projeto *Câmara escura: Histórias e práticas fotográficas* tem proporcionado para a continuidade histórica da constituição/reconstituição dessa cultura fotográfica na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; cultura fotográfica; história e ensino de fotografia

Ijuí é um município brasileiro do estado do Rio Grande do Sul que está localizado a uma latitude 28°23'16" sul e a uma longitude 53°54'53" oeste, estando a uma altitude de 328 metros do nível do mar. Em 2007 sua população era de 76.739 habitantes, sendo o 3º município mais populoso da região Noroeste Rio-Grandense que abrange 216 Municípios. O município de Ijuí ocupa a 25ª colocação de 496 municípios que abrangem o Estado do Rio Grande do Sul. Por ser uma cidade universitária e com amplos recursos hospitalares Ijuí tem um fluxo de aproximadamente 100.000 pessoas, sendo o maior e mais importante centro populacional da região.⁴

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia, do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Autor e coordenador do projeto de extensão *Câmara escura: Histórias e práticas fotográficas*. Professor da área de fotografia do-Departamento de Estudos de Linguagem, Arte e Comunicação-Delac- da Universidade Regional do Noroeste do Estado do RS-UNIJUÍ, email: paulosc@unijui.edu.br

³ Bolsista Pibex-UNIJUÍ– Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo da Unijuí, email: gisele.noll@gmail.com

⁴ <http://www.ijui.rs.gov.br>.



Localização do Município de Ijuí⁵

A Colônia de Ijuhy foi fundada em 19 de outubro de 1890.

Seu nome derivou de seu maior rio, que dividia a colônia e depois o município quase pela metade na direção leste-oeste. A bacia desse rio sempre integrou a totalidade da área, seja da colônia, como do município. O nome Ijuhy, ao rio foi dado pelos índios guaranis e conservado pelos missioneiros. O seu significado varia conforme a grafia que se lhe dá, Escrevendo “Ihjuí” entende-se “rio das rãs”, talvez o significado original; “Juhy” significaria “rio dos espinhos”; “Jujhy”, “rio dos pintassilgos;” mas Ijuhy, a grafia que aparece em todos os documentos até a década de 1940, só pode significar “rio das águas divinas” (nobres, plenas, áureas) ou “rio da abelha divina” (sincope de “ei”[abelha] em “i”, como acontece em “Iraí”). (LAZZAROTTO, 2002, p.13)

Cultura fotográfica em Ijuí

Imigrantes que vieram da Europa já vieram com uma prática fotográfica de tirar retratos, por este motivo, muitos se destacam no Brasil. Em Ijuí, por exemplo, Carlos Germano Beck e Eduardo Jaunsem são os pioneiros da técnica. Beck começa a fazer fotos em 1897 e Jaunsem em 1908, ano este que Beck monta o primeiro estúdio fotográfico do município. Com estes dois fotógrafos, a fotografia vai auxiliando na criação de uma representação da cultura do local, dos valores da sociedade da época, hábitos, trabalho e orgulho que os imigrantes tinham de sua terra, casa e fonte de sobrevivência. Ijuí cresce e se desenvolve e sua comunidade identifica na fotografia a

⁵ Fonte: <http://www.ijui.rs.gov.br>



melhor maneira de mostrar sua identidade e seu modo de viver. “Fotografar locais de trabalho (moinho) perto da casa principal, onde morava a família, era considerado até mesmo um sinal de status e também era motivo de orgulho dos colonizadores”. (MARQUES E GRZYBOWSKI, 1990)

Na cidade de Ijuí existe o Museu Antropológico Diretor Pestana⁶. O Madp foi criado em 25 de maio de 1961 e é mantido pela Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado–Fidene, a qual é, também, mantenedora da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul–UNIJUÍ.

Grande parte do trabalho de preservação da memória coletiva não só do município de Ijuí como também da região Noroeste do Rio Grande do Sul é feito pelo Madp. Na Divisão de Imagem e Som constituída por documentação que envolve fotografias, discos, fitas cassete, filmes e vídeos, por exemplo, com relação à fotografia possui importante e significativo acervo, composto por mais de cem mil imagens, resultante do trabalho de vários fotógrafos.

O arquivo da imagem e do som aloca coleções fotográficas, documentos audiovisuais e depoimentos orais, ou seja, grande parte das *novas fontes* de pesquisa. Nesse arquivo, estão alocadas as coleções Família Beck e Eduardo Jaunsem. A Coleção Família Beck é constituída por negativos e imagens que foram produzidas desde a chegada da família na região em 1896. O MADP iniciou a organização da coleção a partir de 1982, inicialmente adquirindo parte dos negativos em vidro da produção da família; mais tarde o fotógrafo Alfredo Adolfo Beck fez doação, ao referido museu, de grande parte do material utilizado desde que seu pai, Carlos Germano Beck, iniciou o trabalho como fotógrafo. Assim, foram doados equipamentos fotográficos, dentre os quais câmaras, material utilizado para a revelação, químicos, objetos utilizados no laboratório, material bibliográfico e alguns objetos pertencentes ao atelier da família. Com a morte de Alfredo Adolfo Beck em 2003, a família doou algumas imagens que faziam parte de seu acervo particular. A coleção conta com aproximadamente dez mil negativos, a maioria em vidro e parte em celulose, imagens reveladas (7.500) e muitos negativos ainda não revelados, o que vai aumentar significativamente o número de fotografias. A Coleção Eduardo Jaunsem começou a ser organizada pelo Madp no final da década de 1970 e constitui-se com negativos e imagens produzidas, a partir de 1914, no Brasil. A doação ao museu foi feita aos poucos, em 1978 houve uma significativa doação de 2.626 negativos, sendo a grande maioria de vidro e alguns deste revelados, iniciando um projeto que visava à identificação das imagens. Na década posterior, em 1982 e 1983, o Madp realizou um projeto em parceria com a FUNARTE, tentando recuperar as

⁶ Localizado na Rua Germano Gressler, 96. Ijuí, RS. CEP: 98.700000. E-mail: madp@unijui.edu.br



fotografias e os negativos dos fotógrafos que atuaram na cidade aumentando, nestes anos, o número de doações de material fotográfico. Em 1982, recebeu-se como doação 618 fotografias de Eduardo Jaunsem, no ano seguinte, 1.339 negativos em vidro e 135 flexíveis, respectivamente. Atualmente, estão catalogadas 2.369 fotografias e 5.000 negativos condicionados de acordo com as normas técnicas de preservação. (CANABARRO, 2004, p. 36-7)

Os argumentos anteriormente citados confirmam que uma rica cultura fotográfica se constituiu social e historicamente no município de Ijuí e região. O que é, do que é feita e como está manifesta essa cultura fotográfica, pode perfeitamente ser explicada por Turazzi:

A noção de cultura fotográfica já apresenta de imediato, uma dificuldade conceitual que, por sua vez parte de outras duas: a definição do que se entende por cultura e do que costumamos chamar de fotografia. Mas ela tem a vantagem de explicitar um outra premissa que serviu de base para a concepção deste número da revista do Patrimônio: podemos falar de uma cultura fotográfica no Brasil, porque também estamos considerando a existência de uma cultura fotográfica em geral. A intenção desta arte-ciência- ou seria simplesmente uma técnica? que, numa junção de saberes e numa classificação de fazeres típicas do século XIX, era capaz de produzir imagens estáveis por meios foto mecânicos e processamento químico, só se tornou mundialmente consagrada pelo nome de fotografia muito tempo depois da difusão dos primeiros processos práticos (daguerreotípia, talbortípia ou calotípia, etc) dessa nova modalidade de representação visual. Em cento e sessenta anos de história, a variedade de expressões associadas às margens fotográficas e a imprecisão de boa parte dessa nomenclatura sempre foram sintomas da natureza essencialmente plural de tais imagens, ainda que esta característica tenha sido acompanhada, sucessiva e paradoxalmente, de um esforço para enquadrá-las em conceituações unitárias e globalizantes. A afirmação de uma identidade singular para a multiplicidade de imagens, com formatos e significações variadas, reunidas sob a denominação de fotografia, esta ligada ao processo de constituição de uma cultura fotográfica, em grande parte responsável pelo alargamento do sentido da visão na sociedade contemporânea." (TURAZZI, 1998, pg.8)

Ainda conforme Turazzi:

Hoje, quando a produção de representações visuais passa por profundas e aceleradas transformações tecnológicas repercutindo, inevitavelmente, na maneira como encaramos, por exemplo, a fidelidade de uma imagem fotográfica, as incertezas e indefinições dessa cultura já constituída estão se refletindo na nomenclatura com que vão sendo batizadas as novas imagens criadas por meios eletrônicos: fotografias digitais, fotografias virtuais, pós-fotografia, *scanning images*, *graphi images* e assim por diante. (TURAZZI, 1998, p.8)



Assim, na atualidade, onde as formas de representações passam pelas novas mídias (digitalização e virtualização do mundo) e mudanças vertiginosas de tecnologia, se requer um cuidadoso olhar para o passado para que o mesmo (antigo mundo analógico) não se perca de modo voluntário em face da “banalização da fotografia digital”.

O projeto Câmara escura: Histórias e práticas fotográficas

A importância da cultura visual fotográfica do passado e do presente, da história da fotografia e dos fotógrafos bem como da evolução da linguagem fotográfica em Ijuí e na região é de suma importância, pois tais contextos estão inseridos na história sócio cultural do município, do estado e do Brasil. É neste contexto que o projeto de extensão Câmara escura: Histórias e práticas fotográficas, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul–UNIJUÍ está sendo realizado desde janeiro de 2010 e até então vem oportunizando o debate e o ensino da história da fotografia e da prática de sua linguagem a diferentes públicos no município de Ijuí. Seu objetivo é proporcionar uma série de propostas fundamentadas em atividade de caráter teórico-prático que envolvem a diversidade de públicos a partir do ensino fundamental.

A Logomarca do projeto⁷



Tais propostas se desenvolvem através de oficinas organizadas e oferecidas pela equipe do projeto em diferentes espaços com vínculo com a Fidene/Unijuí, como o Laboratório de Fotografia, o Museu Antropológico Diretor Pestana (Madp) e em duas escolas de Ijuí: Escola Municipal de Ensino Fundamental Deolinda Barufaldi e Centro de Arte e Educação Professor Pardal. Assim, cerca de 30 crianças e adolescente de

⁷ Concepção e Criação do Publicitário Marcelo de Moraes Fernandes. E-mail: marcelomf@hotmail.com



idade entre 10 e 16 anos tem a possibilidade de aprender sobre a história da fotografia, suas origens e princípios básicos que deram origem a essa nova linguagem.

Além de tais escolas, atingindo diferentes públicos, o projeto proporciona o desenvolvimento e o aprimoramento da cultura fotográfica do município, através de uma metodologia que varia desde pesquisa bibliográfica para a construção do corpo teórico argumentativo/interpretativo e para a construção/produção dos materiais pedagógicos necessários para o processo de debate e ensino, até a realização de exposição, mostras fotográficas e oficinas.

Contribuições para a continuidade histórica da cultura fotográfica

Os conteúdos e atividades tanto sobre a história da fotografia como as práticas e técnicas estarão sendo desenvolvidos através de oficinas participativas coordenadas pelo professor responsável pelo projeto, Paulo Ernesto Scortegana, por bolsista de extensão, Gisele Noll, por estagiário da Prefeitura Municipal de Ijuí, Ulisses Stefanello Karnikowski e por profissionais do Museu Antropológico Diretor Pestana. No tocante a questões técnicas e práticas da linguagem fotográfica se tem visitando o Museu Antropológico Diretor Pestana, bem como o Laboratório de Fotografia com a finalidade de desenvolver atividades práticas.

As oficinas realizadas nas duas escolas citadas anteriormente foram divididas em quatro momentos: o primeiro quando se tratou sobre o entendimento teórico e prático dos princípios da propagação da luz e das origens da fotografia, intitulado Câmara Escura; o segundo quando se ensinou aos jovens os princípios químicos da fotossensibilidade através da técnica do Fotograma; o terceiro quando se proporcionou o entendimento da linguagem fotográfica, o funcionamento e uso das câmeras fotográficas e respectivos acessórios, bem como dos aspectos relacionados ao fazer fotográfico, intitulado Linguagem e Técnica fotográfica e, por fim, o quarto e último momento, intitulado História e Preservação, a qual os participantes das oficinas entendem mais a fundo a história sobre a cultura fotográfica e a importância da fotografia enquanto documento e os procedimentos para sua preservação.

Os resultados obtidos até em tão, demonstram a grande contribuição que as oficinas proporcionam ao município para que sua cultura fotográfica seja preservada e para que as novas gerações a aprimorem e desenvolvam. Conforme os alunos, a metodologia de ensino, que visa sempre o debate através de práticas fotográficas,

facilita o entendimento de conceitos como a propagação retilínea da luz, câmara escura, fotograma, processo de negativo para positivo, analógico, digital, papel fotográfico, exposição e processo de revelação.



Discussão do conceito de fotografia⁸

De acordo com eles, os grupos de trabalho e discussão que geralmente são formados para que haja fixação do conteúdo/tema abordado, é um fator que auxilia a compreensão dos conceitos sobre fotografia. Uma aluna destaca que quer ser fotógrafa, pois descobriu que através da fotografia os momentos especiais de sua vida e dos outras pessoas não serão esquecidos. Já outro aluno, mostrou-se fascinado a cada nova descoberta. Em certa ocasião chegou a afirmar: “nunca pensei que fotografia fosse isso (cultura) achei que servia só para ter, mas agora entendo porque é tão importante para a história da gente”.



Sistematização de conceitos⁹

⁸ A partir de palavras sínteses iniciou-se o processo de discussão do conceito de fotografia. Na turma da escola Professor Pardal, na oficina do dia 19 de abril, cada aluno escreveu /sintetizou em uma palavra a sua idéia sobre o que era fotografia. As palavras expressadas foram: História, Imagem, Relembra, Alegria, Sorriso, Foto, Passado, Registro e Retrato.

⁹ Participantes da oficina de fotografia da escola Deolinda Barufaldi e a monitora sistematizam os conhecimentos e conceitos pesquisados e discutidos sobre o conceito de fotografia.

A metodologia de ensino utilizada envolve desde a definição do conceito de fotografia a partir do entendimento dos alunos, sobre o que é fotografia, entrevistas com jovens e adultos sobre o tema, realização de cartazes; construção de álbuns fotográficos, para o aprendizado da preservação fotográfica; construção de câmaras obscuras; pesquisas bibliográficas; exercícios práticos em laboratório fotográfico analógico; realização de fotogramas para a compreensão de como acontece o processo de sensibilização do papel e do entendimento da passagem de negativo e positivo e vice e versa.



Compreendendo a formação da imagem¹⁰

Exposições também contribuem para o aprimoramento da cultura fotográfica, pois expõem peças que retratam a história da fotografia e também proporcionam espaço de interação e discussão acerca da cultura fotográfica. Nos meses de junho e julho a exposição “História da Fotografia no Madp”, realizada no Museu Antropológico diretor Pestana (Madp) apresentou ao público ijuiense e regional um recorte da história da fotografia de forma interativa e mostrou como a fotografia foi realizada nos séculos anteriores e é realizada nos dias atuais.

Inserida no projeto de extensão, a exposição apresentou toda a “magia” da fotografia, desde sua origem até o mundo digital. Com os devidos recortes temporais,

¹⁰ Alunas na oficina fotografia, da Escola Professor Pardal observam a formação da Imagem através de uma Câmara Escura.



foi mostrada por meio da seleção e apresentação de equipamentos, de materiais e de imagens fotográficas da rica cultura fotográfica que há no município e que pertencente aos arquivos e acervo do Museu.

A exposição funcionou como uma aula participativa e lúdica da história da fotografia e possibilitou que os visitantes tivessem conhecimento acerca da cultura fotográfica no município, ao mesmo tempo em que eles puderam visualizar o que já foi trabalhado nas oficinas de fotografia realizadas nas escolas. Já na entrada da exposição, os visitantes realizaram um percurso dentro de uma câmara escura, podendo entender o princípio da propagação retilínea da luz e, depois, realizaram fotogramas, para então seguir pela mostra de máquinas antigas e, por fim, entrando em estúdios fotográficos.

A criação dos estúdios fotográficos possibilitou aos visitantes a interação com a exposição e também sua percepção sobre o que a fotografia possibilita, além do registro de uma ação ou evento. A proposta do estúdio é fazer com que os visitantes tirem fotografias e interajam com a exposição, uma vez que todas as fotografias tiradas ali estão disponíveis no perfil da exposição no site de relacionamentos Orkut (Exposição História da Fotografia no Madp).



Exposição: História da Fotografia no Madp¹¹

¹¹ Alunas da Escola Deolinda Barufaldi e os monitores das oficinas de fotografia posando para uma foto em um dos estúdios da Exposição História da Fotografia no Madp.



Com propostas como estas a comunidade percebe que a fotografia preenche um espaço valioso na vida de todos, trazendo lembranças, recordações de momentos que ficaram, eternizando-os e possibilitando que todos entendam como o fotógrafo percebe o mundo que o cerca. Assim o projeto de extensão cumpre com o papel de incentivar a prática fotográfica sem que as pessoas esqueçam como antes eram realizadas as fotografias. Hoje é muito simples tirar fotos e as novas gerações, que poderia ser intitulada, sem nenhuma pretensão científica, de “Geração Primeiro Plano (PP)”¹², deve entender que a fotografia é mais que o simples ato de clicar, ela é história e representa a cultura de um povo.

REFERÊNCIAS

CANABARRO, Ivo dos Santos. **A Construção da cultura Fotográfica no Sul do Brasil: imagens de uma sociedade de imigração.** Tese de Doutorado defendida na Universidade Federal Fluminense–UFF. Niterói (RJ), abril de 2004.

LAZZAROTTO, Danilo. **História de Ijuí.** Ijuí: Unijuí, 2002.

MARQUES, Mário Osório e GRZYBOWSKI, Lourdes Carvalho **História visual da formação de Ijuí, Rio Grande do Sul.** Coleção centenário de Ijuí; n.7. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1990.

TURAZZI, Maria Inez. **Uma Cultura Fotográfica.** In: Revista Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Fotografia. Nº 27, 1998.

¹² Uma referência ao uso abusivo do primeiro plano. Quando a própria pessoa faz a foto de si mesma ou de si com algum amigo usando a distância de um metro proporcionada pela mão direita ou então esquerda em direção ao fato focalizado e a ser retratado: claro sempre um primeiro plano- fenômeno típico da “cultura” do fazer fotográfico digital atual